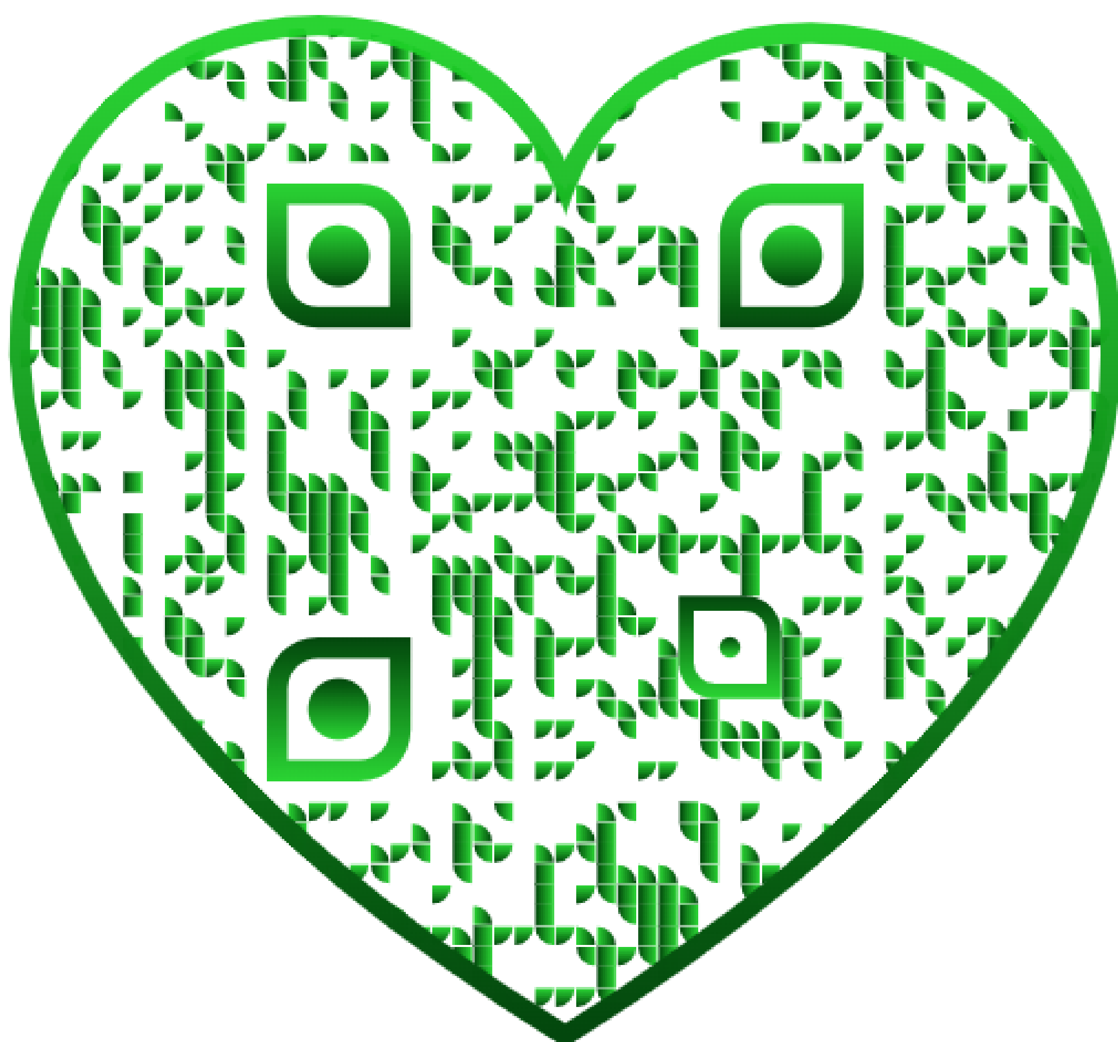
chama eterna



alyson noël

chama eterna

a história de Damen

um conto exclusivo

MATERIAL PROMOCIONAL. DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA SEM VALOR COMERCIAL.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



No momento em que ouvi a primeira história de amor, comecei a procurar por você, sem saber como estava cego. Amantes não se encontram. Estão um no outro o tempo todo.

Rumi

Paris, França

8 de agosto de 1608

Encosto-me no assento aveludado e fecho os olhos ao som dos cascos batendo com força nas ruas de pedra. O ritmo de seu passo está em perfeita harmonia com o ruído das rodas da carruagem, produzindo um som tão doce quanto o de qualquer sinfonia que já ouvi.

É o som da fuga.

O som do adeus.

Um som que no passado sempre serviu para me acalmar, dando-me a garantia necessária de que as perguntas importunas e as suspeitas dos recém-atentos conhecidos logo desapareceriam, permitindo um breve alívio em um novo local, antes de precisar me mudar novamente.

Sou um cigano.

Um nômade.

Um errante.

Um vadio.

Sou alguém que vagueia incessantemente, embora nem sempre por livre e espontânea vontade.

Aquilo que para os outros é normal — um endereço permanente, uma família grande, um grupo de amigos íntimos e de confiança — não é para pessoas como eu.

Já cometi esse erro, aprendi a lição da pior maneira possível. Convenci-me de que não havia problema em ficar, estabelecer-me — apenas para ser acordado no meio da noite pela labareda das tochas, a ameaça de espadas desembainhadas e a crescente histeria de uma multidão movida pelo medo.

Um erro que não voltarei a cometer.

Seguro a cortina de franjas douradas e afasto-a para o lado, espiando pela pequena janela quadrada e vendo a imensidão do céu à noite, tão escuro, tão deslumbrante, tão cheio de estrelas resplandecentes que me fez lembrar o porta-joias de Drina — uma monstruosidade: enorme, forrado de seda, abarrotado dos mais belos tipos de pedras preciosas que o dinheiro pode comprar.

A lembrança dela preenche minha mente — os cabelos vermelhos como o fogo, a pele branca e sedosa, os olhos verde-esmeralda impressionantes e um sorriso cruel formam uma beleza tão incrível, tão encantadora, que durante anos, séculos, na verdade, pareceu ser suficiente.

Mas não mais.

Agora, minha única esperança é me livrar de qualquer vestígio dela.

Reduzir a garota com quem passei a maior parte da vida a uma lembrança pequena e distante que preferiria apagar.

Mas, para ser justo, não foi Drina quem mudou. Ano após ano, ela permaneceu exatamente a mesma — não muito diferente da menininha que resgatei do orfanato há séculos.

Ambiciosa.

Materialista.

Mesquinha.

Consumida por toda uma série de necessidades e exigências tão profundas que pareciam não ter fim. E ela guardava a parte mais voraz de seu apetite só para mim.

E, mesmo sendo verdade que também a desejei um dia, já não encontro essa vontade dentro de mim.

Minha carruagem vira para a direita, mas a paisagem não muda — permanece constante e eterna como eu.

O sol não falha em nascer e se pôr, enquanto a lua e as estrelas brilham com a mesma intensidade que no dia em que nasci, há mais de duzentos anos. Uma demonstração da natureza a que nunca dei importância; nunca parei tempo suficiente para apreciar seu verdadeiro e constante milagre.

Um lapso que espero reparar tão logo consiga sair deste lugar.

O condutor diminui o ritmo, sinal de que estamos chegando, e não consigo não imaginar se algum dos convidados da festa de hoje, muitos deles meus supostos amigos, notará o quanto mudei, que não sou mais a mesma pessoa assumidamente vaidosa e superficial que todos conhecem.

Algo está diferente, algo que não consigo definir muito bem. É como se o velho modo de *fazer* as coisas, o velho modo de *ver* as coisas, o velho modo de *ser* não funcionasse mais, não me deixando escolha a não ser seguir na direção da única *coisa* que preciso descobrir — não importa o que seja.

A única *coisa* imprecisa, indefinível, que tem mais importância do que qualquer outra que eu já conheça.

Como o brilho no cais que chama um marinheiro para o porto, é isso que me mantém seguindo em frente, que me mantém esperançoso.

Os cavalos relincham e batem os cascos com força no chão de pedra — a deixa para que eu puxe a cortina, passe as mãos rapidamente pelos cabelos, ajeite o colete, coloque no bolso o pequeno pacote que trouxe para minha anfitriã, acene para o condutor e siga para a entrada, ensaiando em silêncio:

Goodbye.

Arrivederci.

Au revoir.

Auf Wiedersehen.

Já disse "adeus" tantas vezes, em tantas línguas, que era de se esperar que já estivessem mais bem decoradas.

E embora não tenha ficado em Paris tempo o suficiente para levantar suspeitas indevidas quanto à origem de minha riqueza, ou a respeito de minha aparência que nunca muda nem envelhece — dois questionamentos inevitáveis que sempre precipitam minha fuga —, nos últimos dias tenho me sentido inquieto, entediado, ávido por perseguir o destino desconhecido que certamente me espera.

Um empregado uniformizado abre a porta e me conduz para dentro de uma casa tão grandiosa em tamanho e opulência que poderia facilmente abrigar mil nobres com bastante conforto. Pouco antes de atravessar o ambiente com piso de mármore brilhante onde discretamente entrarei na dança dos acenos de cabeça, sorrisos e beijos no rosto, concedendo o tipo de cumprimento facilmente esquecido mas que sempre é exigido em situações como essas, paro por um instante para absorver a energia. Sintonizo a cacofonia da mente de cada indivíduo, espiando seus pensamentos mais íntimos, antes de bloqueá-los e focar em minha anfitriã do outro lado do salão.

É uma pessoa vestida com pompa, extremamente crítica, com tendência a exagerar no vinho tinto e uma queda por fofocas maliciosas. Assim que ponho os olhos nela, assim que ouço as palavras maldosas que passam por sua cabeça, pergunto-me por que sempre pensei que fosse minha amiga.

Confio a pequena caixa de veludo a seus dedos ávidos e estendidos e faço uma reverência, sabendo que seu olhar lascivo se deve tanto à cara bugiganga cravejada de pedras que está lá dentro quanto a meu recém-solteirismo, que não passou despercebido.

Nada que uma mudança rápida no mapa de assentos não possa reparar, pensa ela, dirigindo a mim um sorriso rapidamente calculado. e vendo a mesma coisa que vê sempre que olha para mim — uma fonte infinita de charme, riqueza e beleza que ela está determina-

da a usar a seu favor. Por ter ouvido boatos sobre minha predileção por jovens belas e receptivas, ela me coloca sentado ao lado de Daphne, uma linda morena cujos olhos arrebatadores e risada sedutora seriam suficientes para me entreter em qualquer outra noite, mas não hoje.

Não importa o quanto estejam enfeitadas, não há uma jovem sequer pela qual eu tenha o mínimo interesse.

Ainda assim, livro-me do turbilhão da mente de minha anfitriã e me concentro em Daphne, passando pelas etapas de cumprimentar com a cabeça, sorrir e calcular minhas respostas inteligentes tão bem quanto o ator de uma peça bem-escrita. Divirto-me, observando o número de vezes que sua mão toca meu braço (trinta e sete até agora), enquanto conto os pratos do elaborado jantar que finjo comer (quatro até agora, incluindo a sopa). Sei que a cada prato servido e terminado chego mais perto do *adeus* — a verdadeira razão pela qual estou aqui.

— *Monsieur?*

A voz me traz de volta de meus pensamentos. Seu som é tão leve, tão melódico, tão *lírico* que faz os pelos de minha nuca se arrepiarem.

— *Monsieur?* — ela repete, mas a resposta se desfaz em minha língua. Nunca antes havia visto olhos tão azuis, cabelos tão dourados, pele tão macia, sedosa e convidativa, a ponto de dar qualquer coisa para senti-la contra a minha.

Nunca antes havia visto algo tão extraordinário quanto ela.

— *Pardon.* — Ela se curva, com o rosto corando no mais adorável tom de rosa enquanto se afasta de mim. Confundindo meu silêncio com presunção, arrogância e prepotência, observando o corte de minha roupa, o brilho dos botões, o conjunto de meus trajes ridiculamente opulentos, ela me avalia como o tipo de pessoa imponente que nunca esperariam que se dirigisse a alguém subalterno como ela.

— *Pardon moi* — digo. O francês não é minha língua nativa, mas flui sem esforços. Ao pegar sua mão e notar como o toque da

pele é caloroso, *elétrico* ao encostar em mim, fico tentado a nunca mais soltá-la. Não consigo me conter e pergunto:

— Quem é você?

E depois noto como ela olha para nossa anfitriã, fica ainda mais corada e abaixa a cabeça. Sei que causei um grande constrangimento, e possivelmente também alguns problemas, e isso faz com que eu me arrependa de ter falado com ela.

— Meu nome é Evaline, senhor. — Ela olha em meus olhos com timidez, enquanto tenta livrar a mão da minha. — Posso retirar seu prato, por favor? — Ela levanta o queixo, olhando para mim de um modo que faz com que uma onda de calor silencioso percorra meu corpo. Porém, por mais que tente, não consigo desviar o olhar, não consigo renunciar ao toque de sua pele.

— Damen, *por favor* — Daphne interrompe, cutucando minha manga com a ponta afiada de sua unha, que mais parece uma adaga, obrigando-me a soltar aquela mão singular, cuja perda repentina faz meu mundo inteiro escurecer. — O que *Drina* diria se o visse acariciando assim uma *empregada*? — Ela me observa com olhos cruéis, brilhantes. No minuto anterior, quando era ela quem buscava minha atenção, havia convenientemente esquecido Drina, mas agora estava feliz em lembrar, na tentativa de colocar essa garota, essa garota bela e extraordinária, em seu lugar.

— Drina está na Hungria — digo, obrigando-me a desviar o olhar do encanto daqueles olhos azul-claros e do cacho dourado que escapara dos limites da touca. Cuido para prestar atenção a cada detalhe de seu rosto, sua estatura, seus modos, o tom de voz, de modo que fiquem em minha memória e eu não precise viver nem por mais um segundo sem eles. — Cada um seguiu seu próprio caminho — acrescento, sabendo que a declaração causará muito escândalo e falatório, mas já não me importo.

Não disse pensando nos outros. Disse pensando na garota.

Evaline.

O nome mais perfeitamente poético que já ouvi.

Meus olhos a seguem enquanto circula a mesa. Seu olhar baixo e as mãos calejadas me dizem que cresceu acostumada às inúmeras exigências frívolas de meus supostos amigos, embora a inclinação de seu queixo e a curva das sobrancelhas indiquem uma inteligência e uma força que todos escolheram não notar.

São incapazes de ver o que está por baixo das pouco lisonjeiras vestes de empregada que é obrigada a usar, da touca desmazelada que serve para esconder a abundante cabeleira dourada que sei que há ali. Impressionam-se com as coisas mais superficiais da vida — *status*, dinheiro, classe social —, coisas que possuo em abundância, o motivo pelo qual me convidaram para estar aqui.

Sem conseguir ver o que vejo, sem poder ver além do exterior fatigado e enxergar a glória que há embaixo, eles permanecem cegos àquilo que para mim brilha com tanta clareza:

Essa garota, essa serviçal, essa *Evaline* é a materialização de tudo o que eu vinha buscando.

Ela é meu destino.

Minha razão de ser.

E agora que a encontrei, não tenho necessidade de partir. Não quando tudo o que procuro, tudo de que preciso está bem aqui.

Encosto em minha cadeira, sentindo-me tranquilo como nunca antes. Retomo rapidamente o papel do convidado encantador, o que estimula minha anfitriã a sorrir e confirma com a cabeça sua aprovação, enquanto Daphne se inclina em minha direção e pega mais uma vez em meu braço.

Há repercussões em confraternizar com pessoas de fora de sua classe, e agora que pretendo ficar por aqui, não tenho escolha a não ser dançar conforme a música.

Ou pelo menos por enquanto.

Mas amanhã vou encontrá-la.

Amanhã Evaline e eu nos encontraremos *acidentalmente*.

E novamente no dia seguinte.

E no dia depois desse.

A *coincidência* se repetirá até que eu tenha a chance de conhecê-la, de ganhar a confiança necessária para oferecer a ela a única coisa que não ofereço a ninguém há *muito* tempo:

O elixir da vida eterna.

Ouso olhar em seus olhos mais uma vez e entro rapidamente em seus pensamentos. Preciso ter certeza de que não sou apenas eu, de que ela sente o mesmo: aquele maravilhoso formigamento, o calor, e a bela promessa contida neles. Um fenômeno que não temos como explicar por ser muito diferente de tudo o que já sentimos.

Então, com a mesma rapidez, deixo sua mente, desvio o olhar e volto para a festa. Rio, bebo, finjo tolerar aquelas pessoas — o tempo todo profundamente ciente de que minha vida mudou para sempre, de modo irreversível.

De que a partir desse momento nada — *absolutamente nada* — será como antes.

Copyright © 2010 Alyson Noël L.L.C

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Eternal Flame (Damen's Story)

TRADUÇÃO
Flávia Souto Maior

PREPARAÇÃO
Marina Vargas Couto

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br
www.serieosimortais.com.br